

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – FFLCH / USP**Sexualidade(s) e Identidade(s): Subvertendo noções****aluna: Ane Talita da Silva Rocha****semestre: 1o / 2011****Roteiro de atividades didáticas**

No texto teórico que serve de subsídio para o/a professor/a, procuramos enfatizar como as pesquisas sobre sexualidade ganharam fôlego no âmbito das ciências sociais e o quanto as questões em torno das diferentes identidades sexuais surgem como temas emergentes dentro deste campo de pesquisa. Entretanto, não abordamos de forma sistemática nenhuma identidade específica, seja heterossexual, bissexual, homossexual, travesti, transgênero¹, entre outras (como o *crossdressing*², por exemplo) por entendermos que o objetivo daquele texto é antes de mais nada introduzi-lo à temática. Para um aprofundamento destas questões, oferecemos sugestões de leituras, encontradas em anexo.

Já para as atividades didáticas daremos ênfase para identidades ditas como “dissidentes”, a homossexual ganhando relevância neste contexto devido aos inúmeros casos de homofobia que presenciamos no nosso país nos últimos meses. O debate sobre este tema encontra-se em grande destaque: com o projeto de lei 122/06 tramitando em Brasília desde 2006, cujo objetivo é a criminalização da homofobia; a aprovação da união civil para casais homossexuais por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal em 05 de maio de 2011, considerada uma grande conquista para o movimento LGBT e para os direitos humanos no Brasil e a polêmica em torno do Kit anti-homofobia encomendado pelo Ministério da Educação, que seria distribuído para escolas de nível médio, o qual teve sua formulação suspensa pela presidente Dilma Rousseff, causando inúmeras manifestações, seja contra ou a favor da decisão vinda do Palácio do Planalto. Não pretendemos entrar na discussão política que cerca o assunto: a grande manifestação da bancada religiosa do Congresso contra o Kit e a pressão exercida por esses deputados e senadores cujo objetivo é manter a ordem heterossexista no país. Estamos em 2011 e esperamos que estas

1 Refere-se à condição cuja expressão de gênero não corresponde ao papel social atribuído ao gênero designado para elas no nascimento. Mais recentemente o termo também tem sido utilizado para definir pessoas que estão constantemente em trânsito entre um gênero e outro. O prefixo trans significa “além de”, “através de”.

2 *Crossdressing* é um termo que se refere a pessoas que vestem roupa ou usam objetos associados ao sexo oposto, por qualquer uma de muitas razões, desde vivenciar uma faceta feminina (para os homens), masculina (para as mulheres), motivos profissionais, para obter gratificação sexual. Não está relacionado com a orientação sexual, e um *crossdresser* pode ser heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual. O *crossdressing* também não está relacionado com a transexualidade.

propostas de atividades possam ser utilizadas durante muito tempo, o que torna indispensável essa pequena introdução ao que se passa atualmente no país. Caso o/a professor/a se utilize destas atividades daqui alguns anos, seria interessante uma rápida pesquisa na internet sobre o andamento dessa discussão na primeira década dos anos 2000.

Desse modo, os objetivos das atividades propostas a seguir são a reflexão acerca do preconceito sofrido por homossexuais, o como nossas noções sobre a sexualidade são construídas historicamente e como as ciências sociais podem ajudar a pensar este fenômeno de forma mais complexa.

Recomendamos que as atividades sejam propostas na ordem sugerida, uma vez que elas foram pensadas enquanto um conjunto, de modo que as reflexões suscitadas pela primeira delas sejam incorporadas na segunda, e assim por diante.

Atividade 1

Objetivos:

- 1) Refletir como a sexualidade pode ser pensada enquanto um fenômeno social, a partir da construção de um problema de pesquisa pelos próprios alunos;
- 2) Acompanhar, através de um filme biográfico, o andamento de uma das primeiras pesquisas realizadas sobre o tema da sexualidade, os “Relatórios Kinsey”.

Materiais necessários:

- Aparelho de TV e de DVD
- Filme: “Kinsey – Vamos falar de sexo?”. Encontrado facilmente em vídeo locadoras, ou na internet.

Número de aulas necessárias:

Duas aulas, sendo:

Uma aula para introdução ao tema, projeção de trechos do filme e organização do trabalho a ser entregue;

Uma aula para a discussão dos trabalhos feitos pelos grupos de alunos.

Dinâmica Proposta:

Aula 1:

Para esta atividade propomos que o/a professor/a comece a aula dando uma rápida introdução sobre o que foi o Relatório Kinsey³⁴, para em seguida passar alguns trechos do filme em DVD para os alunos (o filme tem 118 minutos de duração, o que torna inviável que se projete o filme inteiro). Os trechos selecionados podem ficar à critério do professor, entretanto, daremos algumas sugestões:

Em primeiro lugar é importante situar os alunos na trama do filme: O pai de Kinsey é extremamente religioso e queria que ele estudasse engenharia, ele por sua vez gosta de biologia

3 A publicação do primeiro volume do famoso relatório sobre a sexualidade humana (*Sexual Behavior in the Human Male*), em 1948, deu origem a uma enorme polêmica nos Estados Unidos. O livro foi um dos mais vendidos naquele ano. Rapidamente, Kinsey se transformou numa celebridade, considerado até hoje como uma das personalidades mais polêmicas do século XX. Foi capa dos principais jornais e revistas do país. O segundo volume, abordando a sexualidade das mulheres (*Sexual Behavior in the Human Female*) foi publicado em 1953. A controvérsia que daí resultou foi inevitável, pois certos dados chocavam a estrutura clássica da família americana no final da década de 1940 e início da década de 1950. A América acabava de descobrir que, segundo os estudos de Kinsey, 92% dos seus homens e 62% das suas mulheres se masturbavam. E que 37% dos homens e 13% das mulheres já tinham tido uma relação homossexual que lhes tinha proporcionado um orgasmo. Neste caso, os fatos foram noticiados pela imprensa sensacionalista como uma verdadeira bomba. Os seus relatórios foram vistos por muitos como o início da revolução sexual da década de 1960. Apesar de ainda hoje encontrarmos dados resultantes do Relatório Kinsey, há que ter em conta que esses mesmos dados têm cerca de 50 anos e que, certamente, muitas das práticas e percentuais da época podem certamente ter se modificado. Fonte: wikipédia.

4 Para uma análise mais apurada sobre os “Relatórios Kinsey”, ver o livro “Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade”, de John H. GAGNON (2006) pp. 167-209.

desde criança, de modo que junta dinheiro e vai seguir a profissão que sonha, desapontando pai. Torna-se professor universitário e pesquisa insetos, envolve-se com uma aluna e acaba se casando com ela. Ambos não tiveram relações sexuais antes do casamento, embora *Prok* (apelido carinhoso que recebe dos alunos) seja muito querido pelos alunos e funcionários da universidade.

00:19:12 – 00: 21:00 = lua-de-mel de Kinsey, o casal não consegue ter penetração sexual → introduzir os alunos ao momento em que a preocupação de Kinsey pelo tema da sexualidade começa

00:24:40 – 00:25:00 = consulta ao médico para entenderem o que está acontecendo

00:25:10 – 00:25:55 = primeira relação sexual do casal → importância da procura por informações, em meio a um ambiente moralista

00:26:50 – 00:27:10 = casal de estudantes procura Kinsey para pedir ajuda sobre problemas sexuais → chamar atenção dos alunos para a falta de informação do jovem casal

00:29:00 – 00:29:45 = “estalo” de Kinsey sobre a necessidade de pesquisas sobre sexualidade → comentar com os alunos sobre o viés biológico das mesmas

00:31:00 – 00:32:18 = demanda dos universitários por um curso de educação sexual → chamar atenção para o viés de higiene das disciplinas oferecidas

00:32:18 – 00:34:58 = aula de higiene e educação sexual → problematizar com os alunos se há diferença entre essa aula e o que muitas vezes é oferecido nas escolas atualmente (principalmente na metodologia: uso de imagens de órgãos genitais doentes para falar sobre DSTs)

00:35:23 – 00:37:23 = curso de Kinsey para jovens casados → comentar sobre a diferença de abordagens em comparação com a aula anterior

00:38:00 – 00:39:20 = muitos alunos indo procurá-lo com dúvidas muito frequentes. Como muitas das questões diz respeito à comportamentos (por exemplo: é normal meu marido querer tocar meu ânus?), o professor não sabe dá uma resposta concreta de modo que elabora um questionário para que os alunos respondam.

00:39:40 – 00:41:10 = Kinsey comenta com sua esposa e seu assistente sobre as repostas dos alunos, enfatizando a diferença entre o discurso e a prática dos alunos. Assim surge a ideia de uma pesquisa em âmbito nacional, na qual através de entrevistas individuais com milhares de pessoas se possa fazer um panorama da vida sexual do norte-americano.

Logo após a projeção dos trechos dos filmes, o/a professor/a deve dividir o sala em 5 grupos e propor que eles pensem numa problemática de pesquisa sobre a sexualidade a partir do viés das ciências sociais. Aqui é importante lembrá-los que a pesquisa de Kinsey não se enquadra inteiramente no que chamamos de construtivismo social (ver texto teórico), de modo que não pode ser tomado como um modelo para uma pesquisa em ciências sociais atualmente, o viés biologizante ainda se encontra presente (afinal, trata-se de um biólogo, embora ele tenha bons “insights”). Esse exercício tem por objetivo fazê-los pensar a sexualidade enquanto construto

social, além de treinar a imaginação sociológica dos alunos na construção de um problema de pesquisa. O/a professor/a pode dar alguns exemplos de pesquisas realizadas no âmbito das ciências sociais: as representações acerca da primeira relação sexual nos jovens de camadas médias; o uso de categorias de identidades sexuais por mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres; a emergência da população LGBT enquanto mercado consumidor e sua transformação em nicho de mercado, entre outras...

Os alunos deverão trazer na próxima aula uma proposta de pesquisa de uma página, contendo: tema escolhido, objetivos e relevância desta escolha, além da metodologia que deverá ser empregada. Cada grupo terá de cinco a dez minutos para apresentar sua proposta.

Aula 2:

Esta aula é dedicada às apresentações dos trabalhos e discussão dos mesmos.

Cada grupo deverá apresentar sua proposta de pesquisa e para isso terá de cinco a dez minutos, em seguida o/a professor/a e os colegas deverão tecer comentários e sugestões acerca do trabalho apresentado.

Atividade 2

Objetivos:

- 1) Refletir sobre as diferentes representações/imaginários acerca da sexualidade nas artes e na mídia, buscando compreendê-la enquanto construto social;
- 2) Aqui procuramos enfatizar as identidades gays e lésbicas, a fim de fomentar os debates propostos na próxima atividade;
- 3) Nesta atividade o/a professor/a pode buscar pareceria com o/a docente responsável pela disciplina artes, afim de que as discussões tomem-se mais ricas.

Materiais necessários:

- retroprojeter para visualização das imagens, ou um computador para visualização das mesmas.
- diferentes imagens que representem casais ou famílias em cenas de carinho/amor

Número de aulas necessárias:

Uma aula, sendo:

Uma aula para projeção das imagens e discussão sobre as mesmas.

Dinâmica Proposta:

Nesta atividade, o objetivo é que algumas impressões do senso comum venham à tona a fim de que uma primeira discussão possa ser feita com os alunos, de modo a começar a desconstruir algumas representações sobre a sexualidade e a família.

Ao projetar as imagens o/a professor/a deve fazer uma pequena introdução sobre a época em que a imagem foi produzida, em caso de pinturas, é necessário também um breve comentário geral sobre o autor e sua obra. Mais uma vez, as imagens utilizadas podem ficar a critério do/a professor/a, uma vez que a realidade local dos/as alunos/as pode trazer demandas específicas, entretanto colocamos algumas sugestões a seguir:

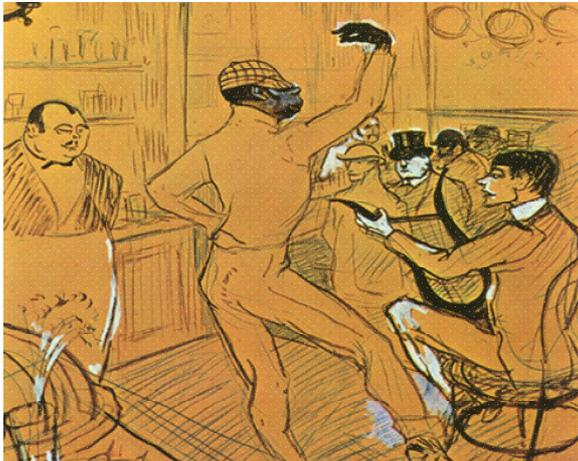


Quadro “Duas mulheres valsando”, (1892) de Toulouse-Lautrec.

O/a professor/a pode perguntar a opinião dos alunos sobre a cena:

- acham que as mulheres são apenas amigas ou não? Por quê?
- esse comportamento é aceito em todas as sociedades? Por quê?
- o quadro é bonito? É estranho? O que esse desenho os fazem pensar?

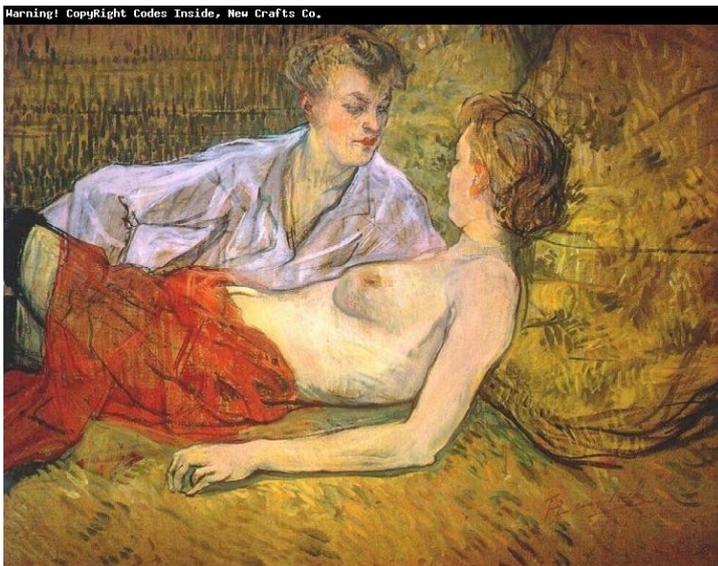
Durante toda a atividade é extrema importância que o/a professor/a discuta as respostas dadas pelos alunos, a fim de desmitificar as noções de senso comum que forem surgindo.



Quadro “Chocolat dancing in the 'Irish and American Bar’”, (1896) de Toulouse Lautrec.

O/a professor/a pode perguntar aos alunos/as:

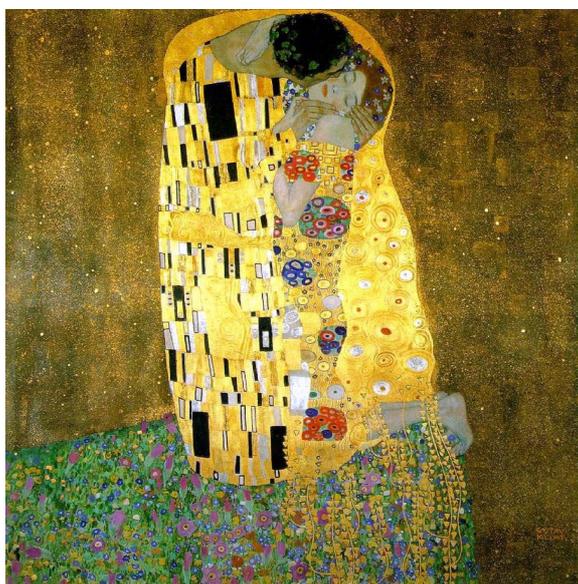
- a) O que acham do comportamento do homem que está dançando? Por quê?
- b) (para os/as alunos/as que por ventura disserem que se trata de um comportamento reprovável) Esse comportamento é reprovável em todos os lugares? Por quê?
- c) A atitude corporal do rapaz é condizente com o que esperamos de um homem? É possível pré-estabelecer o que são gestos femininos e masculinos?



Quadro “As duas amigas”, (1894/1895) de Toulouse Lautrec.

O/a professor/a pode perguntar aos alunos/as:

- a) O que as duas mulheres estão fazendo? O que vocês acham que elas enfrentavam na época em que o quadro foi pintado?
- b) Vocês acham que elas enfrentariam os mesmos problemas em sociedade? Todas as sociedades pensam iguais sobre este tipo de relacionamento?
- c) O que vocês acham do quadro? Se fosse um homem e uma mulher retratados, vocês teriam a mesma opinião? Por quê?
- d) Vocês colocariam essa pintura na sala da casa de vocês? Se não colocariam, por quê?



Quadro "O beijo", (1907-1908) de Gustav Klimt

O/a professor/a pode perguntar aos alunos:

- a) E sobre esse quadro? O que vocês acharam?
- b) E esse quadro? Vocês colocariam pendurado na sala da suas casas? Por quê?
- c) Na opinião de vocês, em todas as épocas as relações heterossexuais foram consideradas "normais" e as homossexuais foram consideradas "fora do padrão"? Por quê? (aqui o professor pode dar o exemplo da Grécia Antiga, aonde o relacionamento [inclusive sexual] de cidadãos livres com meninos mais jovens era considerado normal).



(anônimo).

Foto de um jovem casal, 2011,



marca de roupas, 2008.

Foto utilizada numa propaganda de uma

O/a professor/a pode perguntar aos alunos/as:

- a) Essas cenas são familiares para vocês? Por quê?
- b) Vocês acham que os casais sempre puderam ter esses momentos de intimidade? Por quê?
- c) Vocês sabem como eram os namoros no tempo dos seus avós? O que mudou?
- d) Vocês acham que as mudanças ocorridas têm a ver com fenômenos sociais? Saberiam me dar algum exemplo?



Foto de um casal de senhoras lésbicas – Primeiro casamento lésbico da Argentina, depois de 30 anos de “namoro”, 2010 (divulgação – internet)

O/a professor/a pode perguntar aos alunos/as:

- a) Qual a primeira coisa que vem à cabeça de vocês ao verem essa foto? Por quê?
- b) Vocês conhecem algum casal gay/lésbico mais velho?
- c) Vocês acham que as pessoas mais velhas sofrem mais preconceito? Por quê?



Foto de uma família do século XIX, (anônimo).

O/a professor/a pode perguntar aos alunos:

- a) Essa família é igual a família de vocês? Por quê?
- b) Se vocês fossem tirar uma foto com seus familiares, o que haveria de semelhante à essa foto? E de diferente?

c) Por que, na opinião de vocês, os costumes mudam, mesmo que as instituições (no caso, a família) permaneçam?

d) Vocês acham que todas as famílias são iguais? Por quê?

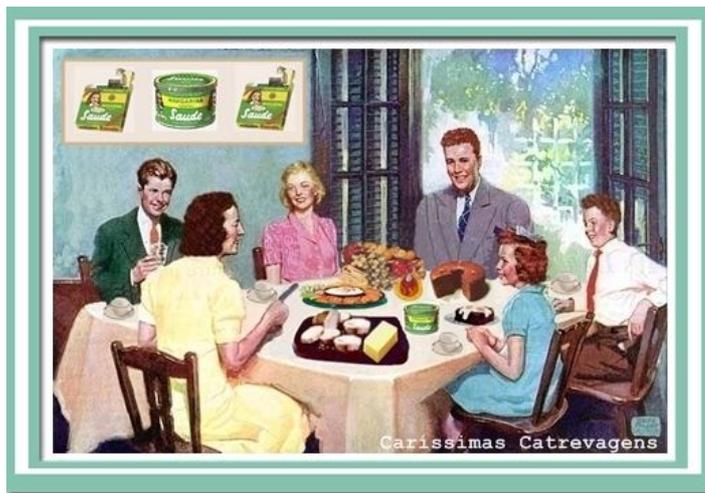


Imagem utilizada numa propaganda de margarina, década de 1950.

O/a professor pode perguntar aos alunos:

- Quais diferenças vocês notam entre essa figura e a anterior?
- A partir da imagem pode-se perceber alguma mudança no relacionamento entre os membros desta família com relação ao nosso exemplo do século XIX? Quais?
- Vocês se identificam com essa família? Por quê?

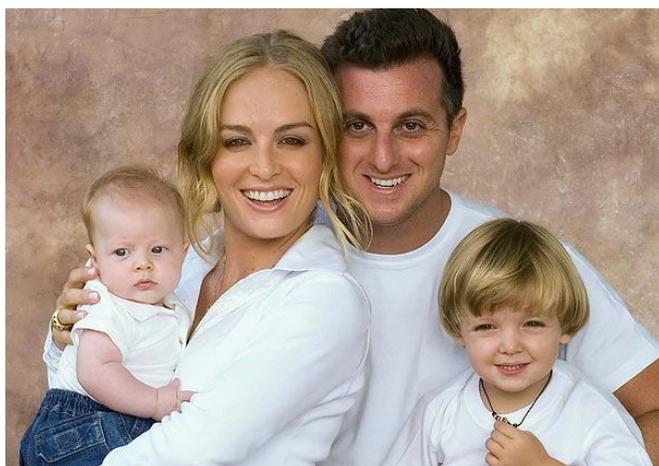


Foto do casal Luciano Huck e Angélica, atualmente vistos como modelo de família exemplar e bem-sucedida (2010 – divulgação).

O/a professor/a pode perguntar aos alunos/as:

- a) Agora, uma família contemporânea e “conhecida” de todos nós... Vocês se identificam com eles? Por quê?
- b) Vocês conseguem me dizer as mudanças percebidas através das três últimas imagens?
- c) Vocês acham que existe um único modelo de família ideal? Se sim, qual seria?
- d) Vocês acham que alguma família consegue atingir esse modelo? Por quê?



Foto de um casal gay, com suas filhas adotivas (2009 – divulgação Revista Época).

O/a professor/a pode perguntar aos alunos/as:

- a) Vocês sabiam que casais gays e lésbicos podem adotar crianças?
- b) Vocês sabiam que fogem à regra da heterossexualidade têm inúmeros direitos negados? Vocês poderiam me citar alguns?
- c) Vocês conhecem alguma família homoparental⁵?
- d) Quais são as diferenças que vocês percebem entre essa família e as anteriores? e) Vocês poderiam dar mais exemplos de arranjos familiares possíveis?

5 Famílias constituídas por casais homossexuais, de modo que os filhos dessa relação possuem duas mães ou dois pais.

E para fechar a discussão:



campanha anti-homofobia (2010).

Cartaz de divulgação de uma

Atividade 3:

Objetivos:

- 1) Discussão acerca o material veiculado pela imprensa escrita sobre casos de homofobia;
- 2) Reflexão acerca dos comentários “postados” por leitores dessas reportagens na pagina de internet dos grandes jornais (neste caso, Folha de São Paulo), com o objetivo de perceber e desnaturalizar algumas concepções presentes nestas falas.

Materiais necessários:

- reportagens selecionadas impressas

Número de aulas necessárias:

Duas aulas, sendo:

Uma aula para discussão das reportagens selecionadas e organização do trabalho a ser entregue na aula seguinte;

Uma aula para a discussão dos trabalhos apresentados pelos grupos.

Dinâmica Proposta:**Aula 1:**

Os alunos devem ser divididos em sete grupos (ou mais, caso o/a professor/a selecione mais reportagens) e para cada um dele deve ser distribuída uma reportagem (em alguns casos são duas, devido à repercussão ao assunto dado pelo jornal). Eles devem ler as reportagens, para isso não é necessário mais do que cinco ou dez minutos devido ao tamanho diminuto das reportagens.

Em seguida cada grupo deve apresentar brevemente para os demais colegas o assunto ou caso específico abordado pela reportagem. O objetivo é que o/a professor/a e os/as demais alunos intervenham, tecendo comentários e expondo seus pontos de vista e outros exemplos.

Após essas pequenas exposições e discussões, o/a professor/a deve propor a seguinte tarefa: cada grupo deve procurar na internet a reportagem que acabou de ler em sala de aula (o/a professora deve fornecer o link no qual encontrou a reportagem, ou os alunos devem fazer uma busca no site da Folha de São Paulo [jornal utilizado nesta atividade] através da data da reportagem ou do título da mesma) e ler os comentários deixados por leitores. A intenção é que eles entrem em contato com opiniões vindas de pessoas de muitos lugares do país.

Os alunos deverão selecionar entre quatro e oito comentários que eles julguem representativos das diversas opiniões presentes na reportagem. O objetivo é discutir sobre como o senso comum é (ou não) acionado na construção de julgamentos morais, num tema para o qual a discussão deveria dar-se sob outros parâmetros.

As reportagens podem ser selecionadas à critério do/a professor/a, mas deixo aqui algumas sugestões:

06/04/2011 - 18h34

Adolescente confessou ter matado namorada da irmã, diz delegado

O adolescente de 16 anos, suspeito de matar a namorada da irmã em Goiás, confessou o crime à polícia, segundo o delegado Samer Agi, responsável pelo caso.

Adrieli Camacho Almeida, também de 16 anos, estava desaparecida desde o dia 13 de março, quando saiu para tentar encontrar a namorada, que é filha de um fazendeiro na região.

O corpo de Adrieli foi encontrado ontem (5) na fazenda da família da namorada em Itarumã (a 321 km de Goiânia). Ela foi vista pela última vez saindo de um bar com o adolescente em Cassilândia (MS), cidade próxima a Itarumã.

A polícia suspeita que o crime tenha sido cometido por homofobia. Segundo depoimento do adolescente à polícia, a família era contra o relacionamento entre as garotas, que se conheceram quando a família da namorada ainda morava em Cassilândia.

A polícia encontrou o corpo após indicação do irmão mais novo do adolescente. O menino, de 13 anos, disse que seu irmão ofereceu-se para ajudar Adrieli a viajar para Itarumã para que ela fugisse com a namorada. No caminho, ele teria matado a adolescente a facadas.

O menor ainda disse à polícia que viu o irmão enterrar o corpo na fazenda e jogar a moto em que a menina viajava em um rio. O veículo não foi encontrado.

O fazendeiro e pai dos meninos foi preso. Ele nega ter participação ou conhecimento no crime. Os irmãos foram levados para uma delegacia na cidade de Aparecida do Rio Doce (a 269 km de Goiânia) e esperam vaga em uma instituição socioeducativa.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/899160-adolescente-confessou-ter-matado-namorada-da-irma-diz-delegado.shtml>

05/04/2011 - 22h44

A coragem do Michael e o preconceito

Virou uma guerra o confronto entre Vôlei Futuro e Cruzeiro por uma vaga na final da Superliga de Vôlei. Uma pena. O Vôlei Futuro acusa a torcida do rival de fazer ofensas homofóbicas contra o central Michael. Quem acompanhou nesta terça-feira a reportagem do "Jornal Nacional" sobre

essa história, conseguiu ouvir claramente os torcedores gritando "bicha, bicha" para o jogador durante a primeira partida, disputada no ginásio de Contagem no último sábado e com vitória do Cruzeiro.

O central Michael fez o que poucos atletas já tiveram a coragem de fazer: assumiu publicamente a sua homossexualidade, o que não é fácil já que há muito preconceito no mundo do esporte. Mais do que assumir, exigiu providências. Ele está certo. Na entrevista divulgada pelo Uol, Michael diz que se sentiu ofendido e constrangido: "Não eram só alguns torcedores de torcida de futebol, eram crianças, mulheres, o ginásio inteiro gritando e me ofendendo. Acho que este tipo de acontecimento não deve passar em branco, realmente me fez muito mal, acho que deve ser divulgado e discutido para que isso não ocorra com mais ninguém". É isso aí, Michael.

Ok, o Cruzeiro também não tem culpa. Não pode controlar o comportamento da torcida que lotou o ginásio de Contagem. Em nota oficial, o clube comunicou que "não incentiva e nem apoia atos considerados como preconceituosos. Ao contrário, sempre pede que todos sejam tratados com respeito". Bacana a posição do Cruzeiro, que também tem que ser respeitado pela torcida do Vôlei Futuro no jogo do próximo sábado, em Araçatuba.

O caso agora está no seguinte ponto: o Vôlei Futuro encaminhou um relatório para a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) e para a Justiça Desportiva. O problema é que nem o árbitro e nem o delegado da partida relataram esses incidentes na súmula. Com isso, a CBV vai aguardar a decisão da Justiça Desportiva. Na nota oficial, divulgada pelo Vôlei Futuro, o clube diz que a torcida do Cruzeiro "atuou de maneira feroz e preconceituosa, mostrando ódio, aversão e discriminação a um dos atletas do time, deixando claro o manifesto de homofobia dentro do ginásio".

Uma tristeza toda essa história e como estão sendo registradas cada vez mais manifestações preconceituosas das torcidas em geral, ora por homofobia, ora por racismo. Vamos torcer para que o segundo confronto entre as duas equipes, sábado em Araçatuba, seja disputado em paz e que os torcedores prestem atenção só no jogo. Vôlei Futuro e Cruzeiro têm grandes equipes e fizeram a melhor partida de toda a Superliga no primeiro confronto. A expectativa é para outro jogo.

Para encerrar, uma observação sobre a pré-lista da seleção brasileira, feita pelo técnico Bernardinho, para a Liga Mundial. Foram relacionados 25 jogadores. O que impressiona é o número de levantadores inscritos: cinco. São eles: Bruninho, do Florianópolis; Marlon, do Minas; Sandro, do Sesi; William, do Cruzeiro; e Rapha, do Trentino. O mais impressionante é que com tantos na lista, o técnico não tenha chamado o Ricardinho. Uma pena.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/cidasantos/898790-a-coragem-do-michael-e-o-preconceito.shtml>

06/04/2011 - 07h01

Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha', diz Michael

Em 1999, o jogador de vôlei Luiz Cláudio Alves da Silva, o Lilico, falou publicamente que era gay. Fez a revelação para se queixar do fato de que sua orientação sexual teria lhe fechado as portas da seleção brasileira.

Doze anos se passaram, a homossexualidade no esporte permanece um tabu, mas o preconceito "expulsou" Michael, 27, do armário.

Na sexta, o meio de rede do Vôlei Futuro foi vítima de uma manifestação generalizada de homofobia vinda das arquibancadas do ginásio do Riacho, em Contagem (MG), casa do time rival, o Cruzeiro.

"Foi a primeira vez que vi um ginásio inteiro gritando 'bicha' em alto e em bom som", afirmou o atleta.

Ainda assustado, Michael disse à **Folha** que não poderia se calar diante de tal situação. Para isso, teve que se expor e revelar publicamente sua homossexualidade.

Ele, porém, não se considera um ícone, como Lilico, morto em 2007, vítima de um AVC (acidente vascular cerebral). "Não quero ser um símbolo. Só quero contribuir para que isso [manifestações homofóbicas] não aconteça de novo. Acho que vai acontecer, mas, pelo menos, dei um primeiro passo."

As duas equipes voltam a se enfrentar neste sábado.

Folha - Como você se sentiu com as ofensas da torcida?

Michael - Fiquei constrangido. Já tinha acontecido antes, com grupos menores. Mas foi a primeira vez que vi um ginásio inteiro gritando em alto e bom som "gay, bicha". Foi por isso que me manifestei. Não tinha feito isso antes porque achava normal.

Achava normal?

Normal não achava, mas eu ia brigar com 50 pessoas? São pessoas ignorantes. Mas, em Contagem, foi pior porque tinha até criança, senhora, muita gente gritando.

Foi uma iniciativa sua repercutir isso?

Minha e do Vôlei Futuro. Não sei se teria força para fazer isso sozinho. Eu queria falar sobre preconceito, mas, para isso, eu teria que me expor. Acho que isso tinha que ser feito. Não podia deixar passar. Já deixei passar muitas vezes, mas um ginásio inteiro... Eu tinha que falar.

É complicado se expor?

Não falo claramente que sou gay porque não tem necessidade, todo mundo sabe. Sei que tomei essa causa, mas não precisa ouvir da minha boca que eu sou gay.

Os jogadores te apoiaram?

Somos muito parceiros, até damos risada se algum cara ignorante me xinga. Mas, quando a torcida começou gritar, alguns me perguntaram se eu estava assustado. Eu disse que sim, mas, tudo bem, vamos jogar.

Os xingamentos interferiram no seu rendimento?

Sim, fiquei assustado. Eu tinha que jogar porque, se não jogasse, eu ia ficar derrotado. Tentei levantar a cabeça. Depois que acabou o jogo, fui para o vestiário, e um monte de gente veio atrás. Eu pensei: "Caramba, eu sou um monstro, então."

Você já sofreu algum preconceito de colegas ou técnicos?

Nunca. Se sofri, passou despercebido.

Você se considera um símbolo, assim como foi o Lilico?

Não, nem quero. Só não posso ficar calado como se nada tivesse acontecido. Acho que vai acontecer de novo, mas pelo menos eu dei um passo inicial para que isso não aconteça mais.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>

16/11/2010 - 20h14

Associação diz que um homossexual é morto no país a cada dois dias

A ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) divulgou nesta terça-feira uma nota em repúdio as duas agressões contra homossexuais ocorridas no último final de semana. Segundo o relatório anual de assassinatos de homossexuais, divulgado pelo GGB (Grupo Gay da Bahia) em março deste ano, em média dois homossexuais são assassinados por dia no Brasil.

No último domingo (14), um rapaz de 19 anos foi baleado no parque Garota de Ipanema (zona sul do Rio) após a 15ª Parada do Orgulho Gay, em Copacabana. No mesmo dia, quatro rapazes

também foram agredidos em três ataques na avenida Paulista (centro de São Paulo). A polícia de São Paulo diz haver indícios de motivação homofóbica.

Segundo o relatório, foram assassinados no Brasil, em 2009, 198 homossexuais, nove a mais que em 2008. Em 2007, de acordo com a instituição, foram 122. Do total de mortos.

O relatório também diz que Bahia e Paraná são os Estados com mais mortes: 25 homicídios cada um. Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais registraram 14 mortes e Rio de Janeiro, 8.

"A ABGLT vem se manifestar, mais uma vez, pelo fim imediato de toda e qualquer violência homofóbica, e pela promoção de uma cultura de paz e respeito à diversidade", diz a nota.

A associação também pede que o governo federal "acelere a implementação do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBT" e que os governos estaduais e municipais "elaborem e também implantem seus planos de combate à homofobia".

"Temos testemunhado que essa intolerância pregada por setores fundamentalistas cristãos tem sido transformada em violência extrema. A pregação religiosa que ataca os homossexuais acaba por legitimar atitudes de ódio. Infelizmente, temos assistido a uma onda conservadora, que ganhou contornos fortes na campanha presidencial. Ela atinge mulheres, negros, nordestinos e LGBT", afirmou a associação.

GOVERNO DE SP

A Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, por meio da Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, também divulgou nota sobre a agressão ocorrida na avenida Paulista.

"A Secretaria está acompanhando o andamento do caso e já determinou a instauração de procedimento para apurar a responsabilidade pelos fatos nos termos da Lei estadual 10.948, de 2001, que prevê multas administrativas para punir prática de discriminação em razão de orientação sexual e identidade de gênero. As multas variam de R\$ 8.000 a R\$ 150 mil", diz a nota.

CASOS

No Rio de Janeiro, a vítima de agressão contou que, após a Parada Gay, foi para o parque com dois amigos, por volta das 22h30. Chegando lá, os três homens começaram a pedir identidade e telefone dos cerca de 15 jovens que estavam ali.

"Esses homens chegaram dizendo que a gente não podia ficar ali, pois era uma área militar, e que iam ligar para a polícia. E a partir daí começaram as agressões. Eles deram muitos puxões de cabelo, chutes, xingaram a gente e colocaram a arma na minha cabeça", contou.

Após ser baleado, o jovem afirmou que ligou diversas vezes para o Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), mas o atendente alegava que se tratava de um trote e se recusou a fazer o atendimento. Ninguém foi preso.

Em São Paulo, foram três ataques no mesmo dia. A polícia aponta um grupo de cinco jovens, entre eles quatro menores, como responsável pelas agressões.

Segundo o boletim de ocorrência, os cinco jovens se aproximaram da vítima dando socos no rosto. Ele se desequilibrou e foi atingido na nuca. Em seguida, todos os jovens começaram a dar chutes e socos no rapaz, já caído no chão.

O grupo dizia, segundo as vítimas, "Suas bichas", "Vocês são namorados!".

Em dois dos ataques que ocorreram em São Paulo a polícia diz haver indícios de motivação homofóbica. Advogados e parentes dos cinco jovens, quatro deles adolescentes de 16 e 17 anos, dizem haver um exagero por parte da polícia e o que houve foi apenas "uma confusão que acabou em agressão".

O jovem de 19 anos foi preso e os quatro adolescentes encaminharam para a Fundação Casa. No entanto, na segunda-feira, todos foram liberados

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/831584-associacao-diz-que-um-homossexual-e-morto-no-pais-a-cada-dois-dias.shtml>

4/11/2010 - 11h40

Grupo agride jovens na avenida Paulista em dois ataques diferentes

O grupo que agrediu três jovens na avenida Paulista na manhã deste domingo agiu em ataques diferentes, segundo relato das vítimas. A polícia investiga se os três rapazes agredidos foram vítimas de homofobia.

Primeiro, os cinco suspeitos atacaram dois amigos no início da avenida, na altura do número 459. Uma vítima conseguiu fugir em direção ao metrô, e a outra desmaiou com a agressão.

Em seguida o grupo seguiu pela avenida e, na altura do número 700, atacou um outro jovem, que foi ferido no rosto. Um vigia viu a agressão e chamou a Polícia Militar, que alcançou os cinco suspeitos, detidos em flagrante --deles, quatro são menores.

A PM identificou o grupo como skinheads. No entanto, em depoimento à reportagem, uma das vítimas disse que eles não tinham a aparência característica de skinheads, como cabeças raspadas, e estavam bem vestidos.

O jovem que desmaiou na avenida foi socorrido no pronto-socorro Vergueiro, muito machucado, e encaminhado ao hospital Oswaldo Cruz. As outras duas vítimas estão no 5º Distrito Policial (Acimação), que investiga o caso.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/830509-grupo-agride-jovens-na-avenida-paulista-em-dois-ataques-diferentes.shtml>

14/11/2010 - 13h30

Grupo usou barra de lâmpadas em agressão a jovens na avenida Paulista

O grupo de cinco rapazes --entre eles quatro menores-- que agrediu jovens em dois ataques na avenida Paulista, na manhã deste domingo, usou barras de lâmpadas brancas como arma.

Primeiro, o grupo atacou dois rapazes que saíam de uma festa na altura do número 459 da Paulista --uma das vítimas conseguiu fugir e outra teve que ser internada devido aos ferimentos. Em seguida, os agressores foram em direção a um grupo de outros três jovens, já na altura do número 700 da avenida, e atacaram um deles com um golpe na cabeça.

A polícia investiga se os ataques têm motivação homofóbica --inicialmente, a PM informou erroneamente que os presos eram skinheads. Segundo o boletim de ocorrência, durante a agressão os rapazes diziam coisas como "suas bichas" e "vocês são namorados".

O delegado Alfredo Jang, do 5º DP (Acimação), informou os menores serão transferidos para a Fundação Casa hoje à noite, e o maior será encaminhado para o 2º DP. Jang indicou que eles devem responder por formação de quadrilha, porque eram cinco, e lesão corporal gravíssima tentada. Além disso, afirmou que, "no mínimo", eles estavam alcoolizados.

A [mãe de um dos menores, de 16 anos, disse](#) à **Folha** que o filho teve uma "atitude infantil". "Recebi a ligação quando ele já estava detido. Foi uma atitude infantil. Ele sai sempre com os amigos e nunca aconteceu absolutamente nada. É um garoto que tem boas notas. Estou constrangida pela situação."

Ela contou ainda que os rapazes detidos estudam juntos em um colégio do Itaim Bibi, bairro nobre da região oeste de São Paulo.

OS ATAQUES

À reportagem, João*, 20, contou que ele e Marcos *, 19, tinham acabado de sair de uma festa e esperavam um táxi quando viram o grupo de cinco rapazes atravessando a rua em direção a eles. Segundo João, estavam bem vestidos, usando roupas de marca, conversando e rindo. "À primeira

vista, pareciam inofensivos. Quando passaram pela gente, um deles me agrediu na cabeça com um soco", conta.

Cada uma das vítimas fugiu para uma direção. João conta que correu para uma estação de metrô. "Apanhei até entrar no metrô. Ainda tropecei e caí na escada."

Quando estava seguro, ligou para o celular de Marcos, e uma mulher atendeu. Ela relatou que o rapaz estava no chão, sangrando, muito machucado e precisando de ajuda. Socorrido no pronto-socorro Vergueiro, ele foi transferido depois para o hospital Oswaldo Cruz.

"É um trauma, nunca se espera que vá acontecer isso, tão de repente. É inacreditável", lamenta João.

Após esse primeiro ataque, os cinco rapazes continuaram caminhando pela avenida Paulista, levando barras de lâmpadas nas mãos, quando cruzaram com outros três jovens saindo de uma lanchonete.

Desta vez, Bruno*, 23, foi o único agredido. Segundo o boletim de ocorrência, os jovens bateram com a barra de lâmpada na cabeça dele. Quando Bruno estava curvado, recebeu uma segunda pancada no rosto, relatou, e depois vieram socos no tronco e na cabeça.

Uma testemunha presenciou a segunda agressão e chamou a polícia. Os cinco jovens foram detidos.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/830530-grupo-usou-barra-de-lampadas-em-agressao-a-jovens-na-avenida-paulista.shtml>

01/11/2010 - 07h31

Discriminação leva jovens homossexuais ao suicídio

"Eu sempre fui o melhor em tudo", diz Geraldo*, 19. Aluno dedicado e filho comportado, o garoto entrou em crise quando descobriu que é gay. "Vi que não seria o melhor em alguma coisa", diz.

De tanto ouvir que sua vida estava errada, ele acreditou. Há um ano, injetou ar no braço, à espera da morte. Foi socorrido no hospital.

A história de Geraldo é semelhante à de quatro adolescentes norte-americanos que se mataram em setembro passado, alertando o país inteiro para um tipo de preconceito que pode ser fatal.

As mortes levaram o presidente Barack Obama a gravar um vídeo para o site It Gets Better (isso melhora, em português). A campanha (bit.ly/itgets) reúne depoimentos cuja mensagem é simples: ser gay não é errado.

Ainda assim, os homossexuais são uma minoria que sofre discriminação. Às vezes, a níveis insuportáveis.

Foi assim com o estudante de biologia Henrique Andrade, 21, que no dia 22 foi chamado de "bicha" durante uma comemoração de alunos da USP. "Falaram que eu estava manchando a festa." Ele levou chutes e socos.

"A homofobia está na sociedade e faz com que o gay ache que ele vale menos do que os outros", explica Lula Ramires, coordenador do Grupo Corsa (corsa.wikidot.com), que defende a diversidade sexual. A discriminação surge como ingrediente-chave nas pesquisas que apontam para a relação entre homossexualidade, juventude e suicídio.

O bullying pode causar o que os psicólogos chamam de "egodistonia" --alguém não gostar de como é.

"É um sofrimento muito grande se sentir fora da norma", diz Alexandre Saadeh, psiquiatra do Hospital das Clínicas. "A discriminação, para alguém que é humilhado em casa, por exemplo, pode se tornar insuportável."

PAIS & AMIGOS

A aceitação ou não dos pais é um fator de peso, segundo Miguel Perosa, professor de psicologia da PUC-SP.

"O jovem pode sentir que não pertence a esse mundo que o discrimina", afirma.

"Suicídio passa pela minha cabeça todos os dias, está cada vez mais difícil", desabafa o técnico em farmácia Caio*, 22. Demitido na semana passada, ele diz que foi dispensado porque é gay. Nos corredores, ouvia colegas o chamarem de "veado".

"Me faz querer dar um fim a isso", diz. "Eu respiro fundo, mas o pensamento é forte." Há três anos, ele tomou veneno. Mas sobreviveu.

Psicólogos recomendam que jovens com ideias suicidas busquem ajuda profissional imediatamente. Amigos devem ficar por perto.

Outra sugestão é procurar entidades como o GPH (Grupo de Pais de Homossexuais, www.gph.org.br), que faz reuniões quinzenais para ouvir jovens gays.

Apesar de nunca ter tentado se matar, Paulo Souza, 20, participou desses encontros.

Há quatro anos, ele perdeu o namorado e amigo de infância que, aos 19 anos, pulou do sétimo andar.

"Ele achava que não tinha futuro sendo gay", conta.

Sucesso e felicidade, no entanto, independem de orientação sexual.

Entre gays assumidos estão Ian McKellen, um dos mais premiados atores britânicos (o Gandalf de "O Senhor dos Anéis") e Klaus Wowereit, prefeito de Berlim.

O ator brasileiro e gay assumido Evandro Santos, 35, diz que nunca pensou em suicídio. Famoso pelo papel de Christian Pior no "Pânico na TV", ele foi expulso de casa quando era adolescente.

"Sobrevivi por um sentimento de vingança. Queria ficar vivo para as pessoas verem que eu seria famoso."

VAI MELHORAR

A organização do It Gets Better calcula que os vídeos da campanha já tenham sido vistos 15 milhões de vezes.

"Estamos decolando!", comemora o coordenador Scott Zumwalt, que trabalhou na campanha de Obama --e conseguiu a assinatura da republicana Laura Bush para a petição contra o bullying.

Segundo o **Folhateen** apurou, está sendo negociado um domínio brasileiro na internet para uma possível versão em português do site.

**Nome fictício*

EQUAÇÃO DA MORTE

- Em 2008, 711 brasileiros entre dez e 19 anos se suicidaram; não há números específicos sobre gays

- Suicídio é a quarta maior causa externa de morte de jovens entre 15 e 19 anos (a primeira é homicídio)

- Estima-se que o número de tentativas de suicídio supere o número de suicídios em pelo menos dez vezes

Fonte: Ministério da Saúde

FATORES INTERLIGADOS

- Pesquisas americanas mostram uma relação entre adolescência, homossexualidade e suicídio

- Jovens gays são de duas a três vezes mais propensos a tentar o suicídio quando comparados a jovens heterossexuais

Fonte: "Gay Male and Lesbian Suicide", de Paul Gibson

QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Sugestões para lidar com o bullying

1. Há situações em que é melhor não mencionar que você é gay. Se você pressente uma reação negativa, avalie se vale a pena se abrir
2. Em caso de bullying na escola, procure o diretor ou um professor. Denuncie a discriminação. É difícil, mas necessário
3. Ser gay não é bom nem ruim. Não determina caráter.
- 4 O autoperceito pode ser pior do que o preconceito dos outros
- 5 Amigos devem acolher, compreender, aceitar e respeitar sua sexualidade

Fontes: André Fischer (do portal Mix Brasil, Miguel Perosa (professor de psicologia da PUC-SP, e Alexandre Saadeh (psiquiatra do Hospital das Clínicas)

ÓDIO NA ESCOLA

Alunos concordam com as seguintes afirmações:

26,6%

"Eu não aceito a homossexualidade"

25,2%

"Pessoas homossexuais não são confiáveis"

23,2%

"A homossexualidade é uma doença"

21,1%

"Os alunos homossexuais não são alunos normais"

17,6%

"Os alunos homossexuais deveriam estudar em salas separadas"

Fontes: FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), em estudo de maio de 2009 realizado em 500 escolas públicas brasileiras

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/822698-discriminacao-leva-jovens-homossexuais-ao-suicidio.shtml>

04/10/2010 - 19h46

Escolas e colegas são hostis a alunos e alunas homossexuais, aponta pesquisa

As escolas brasileiras são hostis aos homossexuais e o tema da sexualidade continua sendo pouco discutido nas salas de aula. Essas são as principais constatações da pesquisa Homofobia nas Escolas, realizada em 11 capitais brasileiras pela organização não governamental Reprolatina, com apoio do Ministério da Educação.

"A homofobia é negada pelo discurso de que não existe estudantes LGBT [lésbicas, gays, bissexuais e travestis] na escola. Mas quando a gente ia conversar com os estudantes, a percepção, em relação aos colegas LGBT, era outra", contou uma das pesquisadoras, Magda Chinaglia.

Parte dos dados, com destaque sobre a situação na cidade do Rio, foi divulgada nesta segunda-feira. Os dados completos, com informações sobre a visita a 44 escolas de todas as regiões do país e trechos de 236 entrevistas feitas com professores, coordenadores de ensino, alunos do 6º ao 9º ano, além de funcionários da rede, devem ser divulgados até o final do ano.

De acordo com a pesquisa, os homossexuais são bastante reprimidos no ambiente escolar, onde qualquer comportamento diferenciado "interfere nas normas disciplinares da escola". "Ouvimos muito que as pessoas não se dão ao respeito. Então, os LGBT têm que se conter, não podem [se mostrar], é melhor não se mostrarem para serem respeitados", contou a pesquisadora.

No caso dos travestis, a situação é mais grave. Além da invisibilidade, fenômeno que faz com que os alunos e as alunas homossexuais não sejam reconhecidos, nenhuma escola autorizava o uso do nome social (feminino) e tampouco o uso do banheiro de mulheres. "Os travestis não estão nas escolas. A escola exige uniforme, não deixa os meninos usarem maquiagem. Os casos de evasão [escolar] são por causa dessas regras rígidas", explicou Magda.

De acordo com a vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT, Marjorie Marchi, que assistiu à divulgação dos dados, é principalmente a exclusão educacional que leva muitos travestis à prostituição. "Aquele quadro do travesti exposto ali na esquina é o resultado da falta da escola. Da exclusão", disse.

Em relação à educação sexual, os professores alegam que o tema não é muito discutido porque as famílias podem não aprovar a abordagem. "Existe um temor da reação desfavorável das famílias, Mas isso é o que eles [os professores] dizem", afirmou Magda. "Os estudantes não colocam a família como um problema. Aqui, cabe outra pesquisa para saber se as famílias interferem", completou.

A pesquisa não analisou especificamente os casos de violência, embora os especialistas tenham citado a ocorrência de brigas motivadas pela orientação sexual da vítima e colhido inúmeros relatos de episódios de homofobia. O objetivo é que o documento auxilie Estados e municípios a desenvolver políticas públicas para essa população.

No Rio, as secretarias estaduais de Assistência Social e de Educação trabalham juntas num projeto de capacitação de professores multiplicadores em direitos humanos com foco no combate à homofobia. A meta é capacitar cerca de 8.000 dos 75 mil professores da rede até 2014.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saber/809692-escolas-e-colegas-sao-hostis-a-alunos-e-alunas-homossexuais-aponta-pesquisa.shtml>

19/06/2010 - 08h49

Levantamento indica que gays são mais agredidos por policiais

Um levantamento sobre violência contra homossexuais realizado em Campinas (93 km de SP) e região mostrou que policiais militares e guardas municipais estão entre os principais agressores de lésbicas, gays, travestis, transexuais e bissexuais.

O Mapa da Violência e Discriminação LGTTB, elaborado pela prefeitura de Campinas, foi divulgado nesta semana durante uma audiência na Câmara Municipal da cidade.

No total, foram registrados 290 casos de agressão, incluindo "agressões verbais". Dessas, 51 foram cometidas por policiais militares e guardas municipais da região.

O mapeamento foi realizado de janeiro de 2005 a maio de 2010. Dos 290 casos, quatro resultaram em morte.

Os gays são os principais alvos de agressões, com 145 casos. O tipo de violência mais comum foi a agressão verbal, com 129 casos.

Situações de violência física foram as mais registradas, somando 65 casos, seguidas por impedimento de entrada em locais e ameaça.

O trabalho foi elaborado pelo Serviço de Proteção Social Especial à População LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), órgão da Prefeitura de Campinas.

CHEFES

Pela pesquisa, 44 agressões foram cometidas na rua. Em outros 23 casos, a violência (verbal ou física) foi praticada pelo chefe.

Há também casos de constrangimento ou intimidação cometidos por pessoas que trabalham no comércio ou por funcionários de órgãos públicos.

"Com estes dados, conseguimos ter uma noção das agressões praticadas contra esta população. Sabemos que os casos são bem maiores que os registrados pois muitas pessoas ainda temem denunciar", afirma a coordenadora do Serviço de Proteção à População LGBT, Valdirene dos Santos.

De acordo com ela, no caso de violência atribuída à guarda municipal, os registros vieram de diversas cidades da região, além de Campinas.

MEDO

Para o jornalista Eduardo Gregori, militante do movimento LGTB da cidade, o "medo" acaba reduzindo o número de denúncias. "As pessoas não denunciam ou registram o caso como uma briga comum e não como homofobia."

Procurado pela **Folha**, o setor de comunicação da Polícia Militar, em Campinas, informou que precisa analisar a pesquisa antes de se manifestar oficialmente.

Mesmo não sendo citada especificamente no estudo, a Guarda Municipal de Campinas informou, por meio de sua assessoria, que os guardas são treinados para impor a autoridade sem precisar fazer uso de violência.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/753714-levantamento-indica-que-gays-sao-mais-agredidos-por-policiais.shtml>

Aula 2:

Os grupos formados na aula anterior devem reunir-se novamente para apresentar o resultado de suas pesquisas. Os alunos devem dar relembrações rapidamente aos colegas sobre o que trata a reportagem pela qual ficaram responsáveis e apresentar os comentários selecionados.

Após todos os grupos se apresentarem, a discussão deve ser aberta: o que há de comum entre os comentários das diferentes reportagens? E o que difere? As opiniões são baseadas no senso comum? Como podemos fugir dessa "armadilha"? Como podemos propor um debate público sobre o assunto sem cairmos no ponto de vista moral? Entre outras questões...

O/a professor/a deve estar atento na condução da discussão pois é "normal" que alguns alunos/as tenham opiniões também baseadas no senso comum. O objetivo é o diálogo e a reflexão, de modo que possíveis polaridades de opiniões devem ser mediadas.

Sugestão de bibliografia sobre identidades sexuais específicas:

a) Homossexuais

FACCHINI, R. (2005). *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond.

PERLONGHER, N. (1987). *O negócio de michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense.

b) Travestis

BARBOSA, B. (2010). *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado.

KULICK, D. (2008). *Travesti: sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz.

PELUCIO, L. (2010). *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS*. São Paulo: Annablume.